

Dom Joaquim

Sua alteza, que Deus guarde,
 Aviso ao mar mandaria :
 Que se aparelhasse a armada
 Pra largar ao outro dia.
 A armada se aparelhara
 Com extrema galhardia;
 Meia-noite que era em ponto
 Dom Joaquim já não dormia.
 Mal o Sol vinha raiando,
 Tudo já manobraría ;
 Tirara peças de leva ⁽¹⁾
 Em sinal de que saía.
 Saindo de barra em fora,
 Quando já terra não via,
 Forte armada avista ao longe,
 Que em todo o mar se estendia.

Uma a outra se chegara
 Pelos fins do meio-dia ;
 A batalhar se puseram
 Cada qual com mais porfia ;
 A salva que o perro ⁽²⁾ dava
 Tudo era mosquetaria ;
 Muito tempo já durava
 Nem um nem outro vencia.
 Dom Joaquim, de perdido,
 Sem saber o que fazia,
 A um Santo Cristo abraçado
 Da popa à proa dizia :
 — Deus do Céu, que me estais vendo,

Filho da Virgem Maria,
 Não permitas, Deus bendito,
 Que vamos dar à Turquia !

Palavras não eram ditas,
 Sua voz e Céu ouvia,
 Pois, passado pouco tempo,
 O rei mouro se perdia.
 As galés que ele trouxera
 Todas o mar engolia ;
 De quatrocentas e oitenta
 Uma só lhe escaparia ;
 Essa co leme quebrado
 E popa em grande avaria,
 Com a bandeira de rastos
 Em desprezo da Turquia.

— Que nobre armada era aquela,
 Que tão briosa vencia ?
 Comandava-a D. Joaquim,
 Mais valente não havia,
 Já voltava às suas praias
 Com soberba galhardia.
 O perro mouro, vencido,
 Com muita mágoa dizia :
 — Não se me dá das galeras,
 Nem do que delas havia ;
 Dá-se-me da minha gente,
 Que era a flor da Turquia,
 E mais uma filha moça,
 Que era a estrela do meu dia ⁽³⁾.

(1) Dera sinal para levantar âncoras.

(2) O mouro. A confusão entre *mouro* e *turco* nasceu de serem ambos *infieis*.

(3) Estácio da Veiga, *Romanceiro do Algarve*, e Ataíde de Oliveira, *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve*.